

O lugar discursivo dos feminismos no facebook: um jogo heterogêneo de posições^{1/}

The discursive place of feminisms on facebook: a heterogeneous game of positions

Ariane Silva da Costa Sampaio *

Doutoranda No Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande – PPGLE/UFCG, Campina Grande, Paraíba. Professora assistente do curso de Letras, na Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu da Universidade Estadual do Ceará – FECL-UECE, Iguatu, Ceará. Atua na área dos estudos linguísticos, com ênfase na Análise do Discurso de vertente pecheuxiana, com contribuições dos estudos feministas e de gênero.

 <https://orcid.org/0000-0002-9415-622X>

Washington Silva de Farias **

Professor Associado do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campina Grande, Paraíba. Doutorado em Linguística - UFPB. Atua nos seguintes temas: constituição e representação discursiva de sujeitos e sentidos; discurso, memória e identidades; discurso, educação e ensino.

 <https://orcid.org/0000-0003-0749-2469>

Recebido em: 30 set. 2023. **Aprovado** em: 07 fev. 2024.

Como citar este artigo:

SAMPAIO, Ariane Silva da Costa; FARIAS, Washington Silva de. O lugar discursivo dos feminismos no facebook: um jogo heterogêneo de posições. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 1, p. e1291. 2024. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10778017>

RESUMO

O artigo propõe analisar, sob o aparato teórico e metodológico da Análise do Discurso Pecheutiana (ADP), como o lugar discursivo dos feminismos² se configura no digital e quais posições-sujeito são assumidas neste lugar a partir do discurso produzido por páginas feministas na rede social facebook. Buscamos apreender os gestos de leitura das posições assumidas pelas páginas em suas autodescrições em confronto ao que discursivizam nas suas publicações. Analisamos cinco páginas que se autodenominam como feministas: *TODAS Fridas*, *Não Me Kahlo*,

¹ Esse trabalho é um recorte de pesquisa de mestrado defendida no ano de 2020.

*  ariane.scsampaio@gmail.com

**  washfarias@gmail.com

² Utilizamos o adjetivo “feminismos”, no plural, para realçar a pluralidade das posições feministas.

Feminismo sem demagogia-original, Empodere Duas Mulheres e Ventre Feminista. Em nossa análise, encontramos três posições-sujeito no lugar discursivo dos feminismos no espaço digital: uma *posição feminista interseccional*, uma *posição feminista marxista* e uma *posição feminista liberal*. Essas posições são assumidas nas autodescrições das páginas. Porém, nossa análise demonstra que seus efeitos podem ou não ser reproduzidos nas publicações.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Feminismo; Facebook; Lugar discursivo; Posição-sujeito.

ABSTRACT

The article proposes to analyze, under the theoretical and methodological apparatus of Pecheutiana Discourse Analysis (ADP), how the discursive place of feminisms is configured in digital and what subject positions are assumed in this place based on the discourse produced by feminist pages on the web social facebook. We seek to apprehend the reading gestures of the positions assumed by pages in their self-descriptions in confrontation with what they discuss in their publications. We analyzed five pages that called themselves feminist: TODAS Fridas, Não Me Kahlo, Feminismo sem demagogia-original, Empodere Duas Mulheres and Ventre Feminista. In our analysis, we found three subject positions in the discursive place of feminisms in the digital space: an intersectional feminist position, a marxist feminist position, and a liberal feminist position. These positions are assumed in the self-descriptions of the pages. However, our analysis demonstrates that its effects may or may not be reproduced in publications.

KEYWORDS: Discourse; Feminism; Facebook; Discursive place; Subject position.

1 Introdução

Na atualidade, as redes sociais têm feito cada vez mais parte do cotidiano da população mundial, configurando-se como meio de conectividade entre pessoas para interações diversas. Por meio dessas redes, os sujeitos se posicionam em relação aos assuntos que circulam socialmente, produzindo discursos que se conectam a outros e se propagam no meio digital.

Uma das redes de maior acesso na atualidade é o facebook. Segundo Souza (2023), a plataforma possui o maior número de usuários ativos no mundo, contando com 2,9 bilhões de contas no ano de 2023. Essa rede possui perfis pessoais, páginas de artistas e celebridades e grupos de discussão variados. Ela tem se caracterizado também como espaço particular de expressão e mobilização de movimentos sociais, produzindo sentidos diversos, que vão além do digital. Como exemplo disso, temos o caso dos movimentos feministas, caracterizados na atualidade pela sua pluralidade de correntes político-ideológicas e que têm encontrado nas redes sociais digitais um lugar para a formulação e circulação de suas discursividades.

Tendo isso em vista, neste trabalho, sob o aparato teórico e metodológico da Análise do Discurso Pecheutiana (ADP), temos como objetivo compreender como se constitui o lugar discursivo dos feminismos e o imbricamento das diferentes posições-sujeito assumidas no espaço digital do facebook. Para isso, utilizaremos os conceitos de lugar discursivo (PÊCHEUX, 2014; GRIGOLETTO, 2017) e posição-sujeito (PÊCHEUX, 2014]). Em nossa análise, identificamos três posições possíveis de serem assumidas no lugar discursivo dos feminismos e que demonstram a heterogeneidade discursiva do movimento na atualidade. Desse modo,

buscamos apreender os gestos de leitura assumidos pelas páginas feministas em suas autodescrições em confronto ao que discursivizam nas suas publicações.

Adotamos em nosso trabalho o conceito de heterogeneidade trabalhado por Indusky (2007), que define, a partir de Michel Pêcheux, a diferença e a divisão como sendo parte constitutiva da ideologia e, por isso, da formação discursiva (FD). Para a autora, a FD é ao mesmo tempo idêntica e dividida, comportando em seu interior a identificação, mas também a diferença e a divergência.

Analisaremos o discurso feminista a partir de cinco páginas de facebook que se autodenominam como feministas: *TODAS Fridas*, *Não Me Kahlo*, *Feminismo sem demagogia-original*, *Empodere Duas Mulheres* e *Ventre Feminista*. Nosso *corpus*³ é composto por sequências discursivas retiradas das abas “Sobre” de cada página e postagens que significam o corpo do sujeito mulher a partir de duas redes de sentido, nomeadas como: 1) crítica à normalização do padrão de beleza imposto pela sociedade patriarcal; 2) e a defesa da legalização/descriminalização do aborto.

Antes de iniciarmos a análise, abordaremos alguns aspectos relativos ao feminismo digital no facebook, suas características e o que o constitui enquanto lugar discursivo de militância na atualidade.

2 O feminismo digital: um lugar de militância

O meio digital tem se configurado nos últimos anos como ambiente propício para organização e divulgação de movimentos sociais dos mais diversos, que têm utilizado as redes sociais digitais como espaço de mobilização e circulação de ideias, configurando tais redes como um lugar discursivo e de militância de longo alcance e de fácil propagação. De acordo com Costa (2018), as redes têm se tornado um mecanismo de pressão diante das instituições estabelecidas e têm se desenvolvido como ambiente de mobilização política.

Um dos movimentos que tem se apropriado das redes sociais para a militância política e social é o feminista, que, apesar de não ter surgido no mesmo espaço temporal das redes sociais – sendo bem anterior a isso –, encontra nelas um recurso propício às novas formulações que o caracterizam na atualidade. Desde os primeiros eventos organizados por mulheres, no

³ Nosso *corpus* foi gerado entre os anos de 2018 e 2019, período da pesquisa de mestrado. Para este artigo, fizemos um recorte de postagens acerca da temática do corpo das mulheres. Essas postagens, coletadas através da ferramenta de busca do facebook, recobrem os anos de 2012 a 2019.

século XIX, em busca do sufrágio, até os dias atuais, o movimento feminista tem passado por diversas transformações, adaptando-se.

O feminismo atual, assim, constitui-se no entremeio das várias formas de opressão a que as mulheres são submetidas, o que o torna não universal, mas bastante heterogêneo. Para Castells (2018), a prática e os discursos feministas tornam este movimento bastante variado. Essa variedade aumenta à medida que analisamos suas formas numa perspectiva global.

Conforme o autor, o movimento é muito mais complexo, pois engloba diversas e novas questões a depender da filiação ideológica dos sujeitos que o compõem. Esse jogo heterogêneo é posto em circulação no ciberespaço, devido a sua abertura às antigas e novas formulações sobre os sujeitos mulheres, o que reflete as posições diversas da nossa sociedade (feminista, machista, entre outras). O discurso feminista é constituído, então, como forma de divulgação, reflexão e transformação nas posições que naturalizam o papel da mulher na sociedade.

Esse discurso feminista no digital não se restringe ao ambiente online. Segundo Garcia e Sousa (2014), o discurso territorializado no ciberespaço é transportado para o mundo externo a ele, ocupando o interior das práticas militantes urbanas e retornando novamente ao digital para formar outras redes de sentidos. No espaço das redes, as contradições não são silenciadas. Ao contrário disto, põem em destaque a heterogeneidade de posições colocadas em circulação e em disputa pelos sentidos. No caso do feminismo digital, mulheres negras, lésbicas, indígenas, trans, dentre outras, podem ser sujeitos de seu discurso e reclamar sua posição.

Essa abertura do digital ao contraditório, ao divergente, mas também à regularidade, se manifesta, por exemplo, em páginas de facebook feministas, como as aqui pesquisadas, que constroem o fio condutor do feminismo digital e da cibermilitância.

Como lugar de circulação de sentidos de/sobre o feminismo, o facebook tem características complexas, pela própria natureza do ambiente, pois, nele, ao mesmo tempo em que a força dos movimentos de mulheres se mostra, também são reatualizadas interdições e violências contra elas (COSTA, 2018).

A rede ainda permite a flexibilização das discussões e posições identitárias no interior do próprio movimento feminista. Nesse sentido, o facebook tem aberto caminho para coletivos ainda marginalizados nos próprios movimentos feministas, que encontram no espaço digital novas formas de circulação de sentidos e divulgação de ideias.

A esse respeito, Araújo (2016) defende que a circulação de saberes não convencionais sobre o feminismo é propiciada pelo uso das redes sociais. Assim como a autora, acreditamos

que as condições de produção do digital como “velocidade, fragmentação, produzem outros modos de estabilização de sentidos, que podem ser pensados pelos lugares de subjetivação dos sujeitos, como a função autor e a própria identidade feminista” (ARAÚJO, 2016, p. 18).

Nesse texto, denominamos o feminismo discursivizado nas redes sociais como *feminismo digital*, designação que compreende as “práticas feministas que têm no digital a sua materialidade, que não significam ou significam de outras formas fora do digital” (ARAÚJO, 2016, p. 114). Dessa perspectiva, entendemos que, no ambiente digital, o processo de materialização de sentidos do/sobre feminismo é feito de forma diferente do espaço exterior a ele.

Podemos ver, assim, que as redes sociais, particularmente o facebook, são espaços de produção e circulação de discursos e, por isso, de constituição dos sujeitos em suas posições. Desse modo, os sujeitos mulheres têm no digital um lugar propício à desconstrução e reconstrução de lugares discursivos e sociais que lhe foram impostos ao longo da história, trazendo à tona novas formas de identificação.

Na próxima seção, abordaremos algumas formulações teóricas acerca da relação entre o lugar discursivo e as posições-sujeito, a qual dará suporte a nossa análise das páginas do feminismo digital no facebook.

3 Lugar discursivo e posição-sujeito no feminismo digital: o lugar da teoria

Para entendermos o lugar discursivo dos feminismos, é necessário falarmos sobre a noção de discurso que adotamos em nosso trabalho. Entendemos discurso como efeito de sentidos entre locutores (PÊCHEUX, 2014). Esse sentido é efeito do trabalho ideológico da linguagem construído a partir da inscrição dos sujeitos em formações discursivas (FD) definidas como aquilo que a partir de “uma posição dada numa conjuntura dada, [...] determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014, p. 147).

Sendo assim, é pela inscrição em uma determinada FD que os dizeres produzem sentidos, uma vez que, esses dizeres são constituídos por meio da relação com outras formulações produzindo efeitos sobre aquilo que é dito em determinada situação. O sentido, dessa forma, não existe por “si mesmo”, como nos diz Pêcheux (2014, p. 146), “mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”.

O autor defende, então, que a produção de sentidos está diretamente ligada às posições ideológicas sustentadas por aqueles que produzem os discursos.

Isso quer dizer que tudo que é dito em um determinado momento sócio-histórico produz sentido por estar inserido em uma determinada formação discursiva e não outra. Os sujeitos, constituídos através da interpelação ideológica (PÊCHEUX, 2014), a partir do lugar social que ocupam, inscrevem-se numa determinada formação discursiva mediante uma relação de identificação com o sujeito do saber (forma-sujeito) da FD. Essa relação de identificação é o que Pêcheux (2014) denomina de posição-sujeito. A forma-sujeito é a responsável pela incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso, ou seja, dos dizeres outros que atravessam todo discurso, produzindo o efeito de evidência do sujeito.

Sujeito e sentido se constituem mutuamente. O sujeito, interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, não é, por isso, a fonte do sentido. O sentido é, assim, efeito e trabalho da memória, acionado pelas formações discursivas e pelas diferentes posições-sujeito assumidas pelos sujeitos do discurso, e que resultam em contradições, dispersões, rupturas, deslocamentos, demonstrando a heterogeneidade das formações discursivas e das formações ideológicas (PÊCHEUX, 2014; 2015). A formação discursiva dos feminismos é um exemplo dessa heterogeneidade, pois contempla diversas posições-sujeito em seu interior, como veremos em nossa análise. Essas posições não são universais, pois estão historicamente situadas, representando um lugar na formação social que as constitui.

Pensando nessa relação entre sujeito e formação discursiva, a identificação do sujeito em uma FD está relacionada ao lugar social que ele ocupa numa dada formação social. Isso se dá pela materialização, no discurso, das relações de poder que constituem as relações sociais e que dão forma ao lugar social ocupado pelos sujeitos.

Segundo Grigoletto (2007), na passagem do espaço empírico ao discursivo, o lugar social ocupado pelo sujeito, determinado pela formação social e ideológica, vai determinar seu lugar discursivo, “através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva a qual o sujeito se identifica” (GRIGOLETTO, 2007, p.128). Logo, é pela prática discursiva que se estabiliza um determinado lugar social uma vez que, sempre que um sujeito enuncia seu discurso o faz a partir de um lugar social, afetado pelas diferentes relações de poder.

Lugar social e discursivo são mutuamente determinados, o primeiro só se legitima pelo discurso e o segundo acontece pela determinação do lugar social que possibilita a inscrição dos sujeitos autorizados para tal em uma formação discursiva dada. Lugar social e discursivo são,

desse modo, construídos na relação entre língua e história (GRIGOLETTO, 2007). Ainda conforme a autora, lugar e posição discursiva não são sinônimos, pois, no interior do lugar discursivo pode-se encontrar diferentes posições de sujeito, podendo até ser contraditórias. Assim, o lugar discursivo representa a instância de relação entre a forma-sujeito e as posições de uma FD em uma dada conjuntura ou situação.

Em nossa pesquisa, observamos que o lugar social feminista determina o lugar discursivo feminista e vice-versa. Desse modo, o lugar discursivo dos feminismos se constitui num processo de ruptura com a FD do patriarcalismo, abrindo a possibilidade de posições e sentidos outros para a identificação dos sujeitos mulheres, abrigados em outra FD, dos feminismos.

O lugar discursivo dos feminismos é constituído por um feixe de posições político-ideológicas feministas: liberal, marxista, interseccional, entre outras. Desse modo, a noção de lugar discursivo produz um efeito de unidade sob a dispersão, uma vez que, embora se fragmente em diferentes posições, remete ao fato de que essas posições têm algo em comum que as unifica imaginariamente: a luta contra as opressões de gênero.

No discurso digital feminista do facebook, podemos observar que os sujeitos locutores das páginas (autores e comentadores) falam a partir de posições-sujeito que, ao se relacionarem com a forma sujeito da formação discursiva dos feminismos, podem estabelecer relações de identificação, contra-identificação ou mesmo desidentificação (PÊCHEUX, 2014) com os saberes característicos da FD dos feminismos, produzindo, neste último caso, efeitos contraditórios de retorno à FD do patriarcalismo.

Essa diversidade de posições-sujeitos caracteriza o aspecto heterogêneo da formação discursiva (INDURSKY, 2008). Para Indursky, a FD é composta por posições que são dominantes e dissidentes, possibilitando o sentido diferente, o discordante (contra-identificação), uma vez que não se trata de um lugar apenas de reprodução dos mesmos sentidos. O impossível nessa conjuntura é o antagonismo (desidentificação), pois haveria uma ruptura e, conseqüentemente, a instauração de uma nova FD. Dessa forma, podemos dizer que o lugar discursivo feminista abre a possibilidade para diferentes modos de relacionamento com as posições ideológicas e políticas feministas, sem que se rompa o domínio dos saberes. Portanto, entendemos a FD como um espaço de heterogeneidade e deslocamentos possíveis de posições-sujeito e efeitos de sentido diferentes ou divergentes.

Em nossa próxima seção, analisamos esse funcionamento heterogêneo do lugar discursivo feminista a partir de formulações das páginas de facebook selecionadas.

4 A heterogeneidade discursiva no feminismo digital: três posições possíveis

O movimento feminista atual se caracteriza pela pluralidade de suas correntes político-ideológicas, que constituem também as discursividades do feminismo digital. Por ser um ambiente mais flexível, o ciberespaço possibilitou a articulação das várias formas de identidade do movimento (CASTELLS, 2018; COSTA, 2018; LIMA, 2013). Os diferentes modos de filiação das mulheres ao movimento configuram sua heterogeneidade discursiva atual, não mais de forma universal, mas na relação dialética entre gênero, raça e classe. A tomada de posição a partir dessas categorias, ou de sua interseccionalidade, caracteriza posições-sujeito diferentes no lugar discursivo feminista digital.

Nesta seção do trabalho, analisamos, a partir das categorias de lugar discursivo e das posições-sujeito, a constituição e formulação do lugar discursivo feminista nas páginas *TODAS Fridas* (TF), *Não me kahlo* (NMK), *Feminismo sem demagogia-original* (FSD), *Empodere duas mulheres* (EDM) e *Ventre Feminista* (VF). Nosso *corpus* é composto por sequências discursivas recortadas da aba *Sobre*⁴ de cada perfil – na qual as posições-sujeito feministas são explicitamente definidas – em confronto com as posições depreendidas em postagens, publicadas nas páginas, que abordam a questão do corpo do sujeito mulher. Na análise das autodefinições, identificamos três posições feministas nas quais se inscrevem os sujeitos enunciativos dos perfis: *uma posição feminista interseccional* (TF e NMK); *uma posição feminista marxista* (FSD); e *uma posição feminista liberal* (EDM e VF). Contudo, veremos que, nas postagens, essas posições não produzem os mesmos efeitos de sentido.

É importante destacarmos que a referência aqui feita às posições interseccional, marxista e liberal remete aos efeitos produzidos nas páginas, tendo em vista os gestos de interpretação de seus sujeitos enunciativos. Assim, focamos nas posições observadas nas páginas e sua relação com as redes de memória a que se filiam.

⁴ A aba *Sobre* está presente em todas as páginas no facebook e se constitui como lugar de descrição e especificação das páginas feitas pelos sujeitos enunciativos das páginas. Nessa aba encontram-se informações como data de criação, filiações político-ideológicas e dados relativos às ongs e coletivos que compõem a página ou que deram início a elas.

4.1 Uma posição sobre raça, gênero e classe: o efeito interseccional

O efeito de interseccionalidade se faz presente nas páginas *TODAS Fridas*, criada em agosto de 2015, e *Não Me Kahlo*, formada em julho de 2014. Nelas, a ideia de sujeito mulher universalizado oriunda da ideologia patriarcal é desconstruída pela mobilização de saberes relacionados às diversas opressões que alicerçam as relações de desigualdade social, evocando aspectos problematizadores da assimetria social entre os gêneros e as características que colocam as mulheres nesse sistema de opressão

A interseccionalidade, como destaca Akotirene (2018), é um conceito que visa instrumentalizar teórica e metodologicamente a análise da opressão estrutural, considerando a indissociabilidade entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. O feminismo incorpora a categoria da interseccionalidade para denunciar os diversos tipos de opressão sofridos pelas mulheres por meio da raça e classe, além daqueles relacionados ao gênero. Akotirene (2018) nos lembra que a interseccionalidade requer dos indivíduos oprimidos a instrumentalização conceitual de raça, gênero, classe e nação, evitando a análise sob o mesmo eixo das opressões e dando atenção à matriz colonial moderna e a novas formas de interpretação para os efeitos identitários.

Em sua aba “Sobre”, a página TF retoma os sentidos da interseccionalidade como elementos a serem legitimados, inscrevendo-se na posição sujeito que estamos abordando, conforme podemos observar na SD1, transcrita da aba referida:

SD1⁵: *Pela emancipação da mulher na sociedade. Contra toda forma de opressão advinda do Patriarcado, do Racismo e Capitalismo. Pelo fim dos papéis de gêneros!*

Na SD1, os sentidos da interseccionalidade se fazem presentes nos significantes *Patriarcado*, *Racismo* e *Capitalismo* referidos como formas de opressão da mulher. Os termos, destacados pela página em negrito e com letras iniciais maiúsculas, produzem o efeito de personificação desses significantes, colocando-os como entidades que devem ser identificadas pelo seu poder. Além disso, os dizeres da aba mencionam como consigna a “emancipação da mulher na sociedade”, o que remete à pauta geral feminista, mas, ao mesmo tempo, vincula essa pauta ao entrelaço da luta antipatriarcal, antirracista e anticapitalista. Logo, a posição da

⁵ Marcamos em itálico, nas sequências discursivas, os vestígios das posições analisadas.

página produz um gesto de identificação plena com a forma-sujeito feminista interseccional e de desidentificação com posições inscritas no campo das opressões de gênero decorrentes do patriarcado, do racismo e do capitalismo.

Nas publicações de TF que tratam do corpo do sujeito mulher, os efeitos de sentido de interseccionalidade produzidos na apresentação da página também são mobilizados. Contudo, percebemos que não há uma regularidade na produção desses efeitos, sendo o discurso das publicações sustentado principalmente a partir de elementos que remetem à ideia de um feminismo universalista (Fig. 1).

Figura 1: A posição-sujeito feminista interseccional sobre o corpo em TF



Fonte: Página de facebook Todas Fridas. https://www.facebook.com/TODASFridasoficial?locale=pt_BR.

Podemos destacar as seguintes SD da figura acima como exemplos do funcionamento discursivo da página em relação ao corpo das mulheres.

SD2:

- 2.1 Padrão de beleza é gente feliz!
- 2.2 Educação sexual para prevenir, contraceptivo para não engravidar e aborto legal e seguro para não morrer.
- 2.3 Mulher pobre tem risco multiplicado por mil em aborto inseguro.

Nas formulações retiradas da figura 1, notamos que a questão do corpo do sujeito mulher é também mobilizada por meio das duas redes de sentido, que nomeamos como: 1) crítica à normalização do padrão de beleza imposto pela sociedade patriarcal; 2) defesa da legalização/descriminalização do aborto. Porém, os sentidos de interseccionalidade não se fazem presentes de modo regular nas postagens de TF que produzem esses efeitos. Ao abordar os padrões de beleza impostos pela sociedade patriarcal, o preconceito com o corpo gordo é destacado como um problema social, sem que aspectos relativos à raça e à classe social estejam implicados na problematização do desprezo e estereótipo do corpo gordo. A relação entre beleza e felicidade é significada, ao mesmo tempo, como resultado da aceitação e como forma de aceitar esse corpo fora do padrão definido pela FD patriarcal.

Quando a discursivização do corpo do sujeito mulher envolve o aborto, algumas postagens levantam questões concernentes à filiação religiosa ou estado civil das mulheres, apenas uma delas relacionando o aborto com a classe social da mulher (“Mulher pobre têm risco multiplicado por mil no aborto inseguro”). As questões de raça e classe não aparecem em todas as postagens, mesmo quando se destaca que as mulheres que abortam são diversas. Na SD 2.2, por exemplo, ao usar a frase emblemática na luta em favor da descriminalização do aborto, ao citar “aborto legal e seguro para não morrer” os sentidos acerca de raça e classe não são retomados para inscrever esse discurso numa posição interseccional nas postagens.

Na autodescrição da página NMK, a filiação à posição interseccional ocorre de modo diferente:

SD3: O Coletivo Feminista Não Me Kahlo nasceu como um espaço de estudo e debate sobre o feminismo em suas *diversas vertentes, respeitando a pluralidade social, a individualidade* e valorizando o trabalho em conjunto para a construção de uma sociedade igualitária, *dando atenção às demandas e pautas feministas*.

Na descrição feita na SD3, as palavras raça, gênero e classe, indicadoras da filiação interseccional, não estão presentes. Apesar disto, no site da NMK, além desses termos serem mencionados, assume-se explicitamente a posição como interseccional. Na SD3, porém, as formulações que identificam o perfil da página mobilizam os sentidos de coletividade – *coletivo feminista, pluralidade social, trabalho em conjunto, sociedade igualitária* – e os de singularidade – *individualidade*. Dessa maneira, o gesto de autoria do perfil da página se apoia numa posição

feminista em que dominam os sentidos de luta social atenta às individualidades, ou seja, às diferenças entre as mulheres que compõem o movimento.

Ao analisarmos as postagens relacionadas ao corpo do sujeito mulher em NMK, percebemos que a mobilização dos sentidos da interseccionalidade é semelhante ao observado em relação a TF. Não há regularidade na abordagem do tema a partir de uma posição explicitamente interseccional em todas as publicações, embora alguns elementos dessa posição sejam sugeridos, a partir do uso de imagens de mulheres racializadas, como nas duas postagens da figura 2, ou na produção de sentidos que questionam a imagem das mulheres na memória do capitalismo. Vejamos a Fig. 2.

Figura 2: A posição-sujeito feminista interseccional sobre o corpo em NMK



Fonte: Página de facebook Me Kahlo. https://www.facebook.com/NaoKahlo?locale=pt_BR

Da figura 2, destacamos as seguintes SD como exemplos do funcionamento do discurso sobre o corpo das mulheres.

SD4:

- 4.1 Se amanhã todas as mulheres acordassem amando seus corpos, pense quantas indústrias iriam falir.
- 4.2 Queremos educação sexual para decidir, anticoncepcional para não abortar e aborto legal para não morrer.
- 4.3 Mas fazer do aborto um crime não salva vidas. Apenas condena mulheres à morte ou à cadeia.

Na figura 2, notamos que a questão do corpo do sujeito mulher é também mobilizada por meio das duas redes de sentido 1) crítica a normalização do padrão de beleza imposto pela sociedade patriarcal; 2) defesa da legalização/descriminalização do aborto.

Nas postagens em que funciona a crítica ao padrão de beleza, o corpo gordo ou destoante do padrão imposto socialmente é chamado a produzir sentidos de confronto aos discursos patriarcal, capitalista e racista, desestruturando o espaço de memória estabilizado sobre o corpo, sobretudo da mulher gorda e negra, como podemos ver na SD 4.1. e na imagem que acompanha esse enunciado. Nestas sequências, há uma incitação das mulheres a amarem seus corpos, não se deixando submeter a padrões sociais (“Fuck society”, “Love your body”⁶) e da indústria da beleza.

Quanto à rede de sentidos de defesa da legalização do aborto, as postagens de TF, porém, não mobilizam os saberes da interseccionalidade de modo regular, pois não problematizam, na abordagem do tema, determinações de classe ou raça. Embora formulações sobre a morte de mulheres sejam mencionadas em 4.2 e 4.3, as questões interseccionais que atravessam a discussão e que seriam próprias da posição são retomadas esporadicamente.

Como podemos notar nas postagens trazidas nas figuras 1 e 2, os processos discursivos de constituição do lugar feminista das páginas *TF* e *NMK* são alicerçados na desconstrução de um ideal de corpo universal para as mulheres e na defesa de certa autonomia desses corpos ao abordar a legalização do aborto. Nessas páginas, apesar de sua autodescrição indicar uma filiação ao feminismo interseccional, a posição-sujeito feminista interseccional não se coloca como um efeito regular no discurso sobre o corpo, mobilizando, de modo ocasional, os saberes que dominam essa posição, como as questões de raça, de classe e das relações de gênero.

4.2 Uma posição sobre o capital e o gênero: o efeito marxista

A página *Feminismo sem demagogia – original* foi criada em outubro de 2012 no facebook. A posição assumida pela página retoma elementos da memória do marxismo, mobilizando sentidos ligados à noção do trabalho e classe como alicerce da opressão feminina. Nessa perspectiva, não bastaria aos sujeitos lutar contra a desigualdade de gênero, mas também combater o sistema capitalista e patriarcal que estaria na base de sustentação da opressão das mulheres. Nessa posição, o sentido de coletividade é sempre retomado e destacado como forma de luta.

Na posição sujeito feminista marxista, os sentidos são dirigidos para a construção de uma nova sociedade, desvinculada da divisão de classes, que resulte na emancipação feminina.

⁶ Tradução: “Foda-se a sociedade”. “Ame seu corpo”.

É comum a essa posição a compreensão de que a sociedade de classes expõe o sujeito mulher a determinadas barreiras estruturadas pela atribuição de valor às atividades de produção para o mercado, desvalorizando a mão de obra feminina e mantendo a reprodução do trabalho doméstico sob responsabilidade ainda da mulher (FEDERICI, 2017; SAFFIOTI, 2013).

Na autodescrição da página FSD, a identificação com a posição sujeito feminista marxista se mostra na associação entre as opressões patriarcal e capitalista, como é perceptível na SD5.

SD5: *Só os trabalhadores, homens e mulheres, atuando em conjunto num movimento revolucionário poderão destruir a sociedade de classes e com ela a opressão sobre as mulheres de forma definitiva.*

O uso de termos caros à corrente política e filosófica marxista, como *trabalhadores*, *movimento revolucionário*, *sociedade de classes* e *opressão*, inscreve a página, conforme analisamos neste artigo, na posição sujeito feminista marxista. A partir da SD5, podemos deduzir que a submissão das mulheres aos homens é uma consequência da sociedade de classes e sua eliminação só será possível através do movimento revolucionário

Em suas postagens sobre o corpo do sujeito mulher, todavia, a FSD não mobiliza de forma regular elementos que estejam inseridos no domínio discursivo marxista sobre gênero. Na figura 3, retomamos algumas publicações da página que reivindica o corpo do sujeito como forma de resistência feminista ao patriarcado.

Figura 3: A posição-sujeito feminista marxista sobre o corpo em FSD



Fonte: Página de facebook Feminismo sem demagogia original.
https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal?locale=pt_BR

A SD6 retoma sentidos acerca do corpo resgatados nas postagens da Figura 3.

SD6

6.1 Comece uma revolução, ame seu corpo.

6.2 É pela preservação das mulheres, em sua maioria negras e pobres. Que não deixemos cair no esquecimento, avante companheiras, continuemos as mobilizações.

6.3 A legalização é necessária e urgente para salvar a vida de milhares de mulheres pobres.

Na SD6, temos acesso a algumas formas de enunciar o corpo do sujeito mulher na página FSD. Nas duas primeiras postagens o corpo gordo é retomado como metáfora para o corpo fora do padrão propagado pela memória patriarcal. Notamos que o significante *revolução*, retomado na formulação 6.1, bastante requerido pela discursividade marxista, é trazido pela página em referência à atitude de assunção desse corpo. Contudo, não há, nas postagens mencionadas, a mobilização de outros sentidos que vinculem a questão do corpo às determinações da estrutura social capitalista.

Já nas postagens sobre a defesa da legalização do aborto, podemos observar uma retomada dos sentidos de raça e classe e outros que possam reproduzir uma posição feminista marxista, quando as mulheres vítimas nas práticas de aborto clandestinas são identificadas como “negras” e “pobres”, e quando as “companheiras” são chamadas a unirem-se às “mobilizações” por todas as mulheres. Nas postagens, as mulheres “pobres” são enunciadas como vítimas desse sistema de criminalização do aborto, mas silencia-se a pauta racial.

A posição sujeito feminista de *Feminismo sem demagogia – original* trabalha discursivamente a desconstrução da imagem patriarcal do sujeito mulher pela desidentificação com a posição de universalidade da FD patriarcal, destacando a necessidade de destruição da estrutura cultural que sustenta essa universalização. Contudo, nas postagens, essa posição não é retomada de modo regular a partir dos sentidos do feminismo marxista mobilizados na autodescrição da página. Essa discrepância faz com que, pelo menos em relação a esse aspecto do direito ao corpo, sejam apagados os dizeres que a inscreveriam em uma posição diversa daquela vista nas páginas analisadas anteriormente, TF e NMK. Dessa forma, apesar de na sua descrição a página FSD se posicionar como feminista marxista, essa filiação mobiliza os sentidos que dominam essa posição somente em algumas postagens.

4.3 Uma posição sobre a individualidade e o empoderamento: o efeito liberal

A posição feminista liberal é assumida pelas páginas *Empodere Duas Mulheres*, criada em fevereiro de 2012, e *Ventre Feminista*, fundada em fevereiro de 2015. Em ambas há uma mobilização dos sentidos para a compreensão da luta feminista enquanto desestruturação da desigualdade entre homens e mulheres, sem mencionar em sua rede de saberes aspectos relacionados à opressão pelo capital ou por questões raciais.

Para entendermos melhor essa posição, cabe observarmos algumas questões relacionadas ao feminismo liberal enquanto corrente político-ideológica. Essa posição concentra-se no entendimento da submissão feminina como produto da desigualdade no sistema e não como exploração do sujeito pelo capital, pelo patriarcado e pela divisão racial, como acontece no feminismo marxista e no interseccional. Para a posição liberal, o principal problema do sujeito mulher consiste na sua exclusão da esfera pública e a solução para isto estaria na reivindicação e promoção de espaços sociais igualitários para homens e mulheres. O feminismo liberal tem na intelectual Betty Friedan e na criação, pela autora, da Organização Nacional para Mulheres (National Organization of Women-NOW) os pontos de maior relevância dentro do movimento (GARCIA, 2011).

Para algumas estudiosas sobre o movimento feminista, a intersecção entre liberalismo e feminismo foi bastante profícua para o movimento (CYFER, 2010). Algumas das pautas feministas encontraram no pensamento liberal a sustentação teórica que o movimento necessitava para se mobilizar diante de leis e regras sociais que impediam o direito da mulher ao seu corpo e à vida pública. A própria noção de autonomia que embasa boa parte das reivindicações feministas é resultado da confluência entre o feminismo e os ideais liberais.

A autonomia defendida pela corrente liberal do feminismo se coloca a partir da concepção de direito individual. Para o liberalismo, esse direito individual mobiliza o potencial emancipador do sujeito e a valorização da autonomia, “entendida como a capacidade (coletiva) de se governar por si mesmo” (MIGUEL, 2000, p. 94). Desse modo, o liberalismo entende o coletivo como incorporação dos interesses individuais, em que os sujeitos sejam possuidores de direitos e de escolhas, mas não sem propor a ruptura com o sistema capitalista.

Nas páginas EDM e VF, a posição feminista liberal é construída pela proposição do empoderamento do sujeito mulher, da sororidade e da empatia entre mulheres como base de sustentação do movimento e como modo de ruptura com o machismo. As formas de identificação para o sujeito mulher na posição liberal são produzidas pelo trabalho de

desconstrução do imaginário patriarcal do sujeito mulher e de sua reconstrução pela afirmação das mulheres como sujeitos de suas vontades, que podem e devem fazer escolhas com base em uma legislação igualitária.

Na página EDM, percebemos um movimento de filiação ao discurso liberal pela sustentação de uma posição sujeito apoiada nas noções de individualidade e de escolha, consideradas atributos fundamentais para o feminismo liberal.

SD7: Penso que o feminismo pra mim é muito mais do que eu posso tocar. É muito mais amplo, e só vai ser verdadeiro quando não excluir nada, e puder chegar onde eu não estou.

O funcionamento discursivo da SD7 nos mostra que, na descrição da página, os sentidos de individualidade são mobilizados, retomando-se os saberes da FD liberal. A dimensão individual do sujeito é evidenciada através do caráter privado dado ao conceito de feminismo, o que pode ser constatado na materialidade textual pelo uso dos pronomes pessoais e verbos em primeira pessoa (*mim e eu; penso e estou*), que coloca o sujeito do discurso enquanto ponto de referência. Ao mesmo tempo, também na formulação da SD7, observamos a atribuição de um sentido universalista e genérico ao feminismo (*só vai ser verdadeiro quando não excluir nada*), contrapondo-se, assim, a ideia de um feminismo em que as individualidades seriam apagadas ou silenciadas. O respeito às individualidades seria, portanto, a premissa da posição feminista liberal, secundarizando a reflexão sobre as determinações históricas e sociais que se interpõem à emancipação das mulheres.

A SD8 retoma e confirma alguns desses efeitos de sentido.

SD8: Quando eu puder aprender com todas as vivências que não fazem parte de mim, e quando eu puder presenciar o pleno empoderamento, sororidade e empatia entre mulheres. Não quero fazer parte de algo limitado, a luta é muito maior.

Na SD8, notamos a mobilização de termos como *empoderamento*, *sororidade* e *empatia*, significantes bastante utilizados nos feminismos atuais. O uso do termo *empoderamento* é bastante difundido nas redes sociais. Contudo, não se trata de uma palavra criada na atualidade. A expressão é uma adaptação do termo em inglês *empowerment* cunhado pelo sociólogo estadunidense Julian Rappaport em 1977 (BERTH, 2018). Seu significado estaria associado à ideia de “dar poder ou capacitar” (BERTH, 2018, p. 19) grupos oprimidos para que pudessem se tornar autônomos.

Há quem diga que a teoria do empoderamento é uma criação de Paulo Freire, uma vez que o educador brasileiro trabalhava com a Teoria da Conscientização como prática para a libertação. Mas ao contrário de Rappaport, Freire acreditava que os próprios grupos deveriam empoderar-se, através do processo da consciência crítica da realidade coligada à prática transformadora (BERTH, 2018).

Outro sentido vinculado para o termo empoderamento colocado por Berth está ligado ao trabalho social de desenvolvimento “das potencialidades de indivíduos vitimados pelos sistemas de opressão e visam principalmente a libertação social de todo um grupo, a partir de um processo amplo e em diversas frentes de atuação, incluindo a emancipação intelectual” (BERTH, 2018, p. 34).

Dessa forma, notamos que o uso de empoderamento pela página *Empodere Duas Mulheres* evoca os sentidos do social, semelhante ao que propõe Berth (2018) ao conduzir discussões sobre a desigualdade entre os sexos, mas não problematiza os diferentes sistemas de opressão que agem sobre os sujeitos mulheres de modos diversos. A ideia de empoderamento é vista como ação individual e não como uma mobilização social de grupos para libertação das opressões.

Na SD8, temos ainda a retomada dos significantes “sororidade” e “empatia”, também concebidas como importantes para o sujeito enunciator como forma de desestabilizar a ordem patriarcal vigente. Essas duas palavras são entendidas pelo movimento feminista, de forma geral, como atitudes que devem ser desenvolvidas entre mulheres. Dessa forma, os sentidos dessas palavras para o movimento feminista são construídos pela noção de solidariedade entre mulheres e pela afetividade em relação as diversas vivências e experiências de mulheres. Entretanto, essa tomada de posição deixa de fora outras questões relacionadas a como essa sororidade e empatia seriam entendidas pela página no que concerne às diferentes formas de opressão que atingem o sujeito mulher na atual conjuntura do sistema capitalista e patriarcal.

Nas postagens da EDM, notamos que a filiação à posição liberal se mantém regular na rede discursiva sobre o corpo do sujeito mulher, conforme podemos ver da Fig. 4.

Figura 4: A posição-sujeito feminista liberal sobre o corpo em EDM



Fonte: Página de facebook Empodere duas mulheres, https://www.facebook.com/empodereduasmulheres?locale=pt_BR.

Das postagens que compõem a figura 4 recortamos as formulações destacadas na SD9.

SD9

9.1 Moça, comece uma revolução pare de odiar o seu corpo.

9.2 O corpo da mulher não é público.

9.3 Aborto é questão de saúde pública.

Na SD9 temos exemplos de como o discurso sobre o corpo funciona na EDM a partir das duas redes de sentidos consideradas: 1) crítica a normalização do padrão de beleza imposto pela sociedade patriarcal; 2) e defesa da legalização/descriminalização do aborto.

Na primeira formulação da SD9, o padrão de beleza patriarcal é chamado desconstrução através da aceitação pelas mulheres de seus corpos (o “pare de odiar o seu corpo”). Nesse enunciado destaca-se a individualidade característica da posição liberal e como a ideia de “revolução” também é colocada nesse âmbito do indivíduo e não da coletividade. Na 9.2, a afirmação de que o corpo da mulher não é público, mas algo individual, e que não deve ser comentado por terceiros, remete à memória de dizeres feministas que formulam o corpo das mulheres na relação entre as esferas privadas e públicas.

Essa memória reproduz sentidos do público em relação ao corpo do sujeito mulher a partir de um viés jurídico. Nesse viés, os tipos de violências sofridos pelas mulheres, e que a ideologia patriarcal faz circular como do ambiente doméstico, como por exemplo a violência doméstica, se colocam como problemas que devem ser solucionados pelas instituições sociais.

Já o aborto é significado como um problema de saúde pública, não como crítica à padronização do corpo pelo discurso patriarcal. Ao se destacar a importância da legalização

como “uma questão de saúde pública”, a página mobiliza sentidos relacionados às implicações sociais do aborto, ao invés de focar na morte em si das mulheres.

Dessa forma, a posição feminista liberal assumida pela EDM em seu discurso mobiliza sentidos da memória sobre o liberalismo e da sua junção ao movimento feminista, ao colocar o empoderamento no âmbito das individualidades. Nesse viés, a página reproduz os sentidos presentes na sua autodescrição, reafirmando nas postagens sua posição feminista liberal.

A última página que compõe nosso *corpus* e que mobiliza também saberes da posição feminista liberal é a *Ventre Feminista*. A página materializa sua forma de filiação ao movimento feminista na seguinte descrição em sua aba ‘Sobre’.

SD10: *Escolha, empoderamento, apoio, informação.*

Esse enunciado nos evoca o modo de dizer de uma enunciação publicitária, em que as propriedades, características dos objetos a serem vendidos estariam dispostos em uma prateleira ao alcance da mão. Na SD10, a formulação enumera requisitos para a consolidação da posição da mulher feminista: *escolha, empoderamento, apoio e informação*. Os substantivos são apresentados como produtos à disposição de um sujeito, nesse caso o sujeito mulher que busca o feminismo no espaço digital.

O termo “escolha” retoma, pela memória, os sentidos de liberdade individual da mulher. Esses sentidos se alinham ao ideário do liberalismo, já mencionado acima, e que Friedan (1971, p. 267) delinea como “vontade de poder” e “autoafirmação” na busca pelos direitos de ser, e na “coragem para ser um indivíduo”. A autonomia, no feminismo liberal, conforme Friedan (1971), é vista como afirmação dos direitos individuais, o que seria capaz de desestruturar o poder do outro sobre o sujeito mulher, nesse caso, o poder patriarcal.

O “empoderamento” compreende o exercício do poder de transformação do sujeito diante das diversas formas de opressão social que incide em determinadas camadas mais desfavorecidas socialmente. Nesse sentido, a mobilização da noção de “empoderamento” junto a termos como “apoio” e “informação” adicionam a rede de sentidos as ideias de instrução e desamparo que sustentariam o movimento feminista.

Observemos como a posição liberal se textualiza nas postagens da página VF.

Figura 5: A posição-sujeito feminista liberal sobre o corpo em VF



Fonte: Página de facebook Ventre Feminista. https://www.facebook.com/ventrefeminista?locale=pt_BR

Recortamos da Fig. 5 três formulações para compor a SD 11.

SD11:

11.1 Preta, gorda e linda.

11.2 Vivemos numa sociedade que não deixa as mulheres envelhecerem em paz.

11.3 A gente vive numa sociedade hipócrita e cínica que condena o aborto e faz o aborto.

A SD11 traz formulações que são representativas do modo de funcionamento do discurso sobre o corpo na VF. Na primeira formulação da SD11, temos dois adjetivos que, pela memória patriarcal, caracterizariam um corpo como fora do padrão (preta e gorda). Contudo, nas condições de produção da postagem, por tratar-se de um lugar de exaltação do corpo feminino em suas diversas formas, as duas palavras produzem sentidos opostos, de valorização desse corpo preto e gordo. Esses adjetivos produzem o efeito metonímico para representar todas as mulheres que se enquadrem nas duas primeiras características “preta” e “gorda”, vistas como depreciativas e motivos para preconceitos na sociedade patriarcal. A última característica listada, “linda”, serve como afirmação da posição feminista da página diante da ruptura com o padrão social da branquitude e da magreza como modelos de beleza.

Na formulação 11.2, a velhice também é abordada através da crítica ao padrão patriarcal da juventude. A velhice é posta na FD patriarcal de modos distintos para homens e mulheres,

sendo motivo de orgulho para eles e motivo de desdém para elas. Ao afirmar que a “sociedade” não “deixa as mulheres envelhecerem em paz” o sujeito enunciador reafirma o caráter social atribuído à velhice como problema para mulheres.

A última formulação está relacionada à rede de sentidos de defesa da legalização do aborto ao questionar a hipocrisia social em criminalizar a prática e ao mesmo tempo efetua-la. A partir dessa formulação, outros sentidos podem se fazer presentes, por meio do interdiscurso, como o modo que a sociedade pratica esse aborto, seja pelo abandono paterno, significando na memória do movimento feminista como uma forma de aborto, ou os abortamentos clandestinos feitos tanto em clínicas de alto padrão quanto pelas precárias.

Dessa forma, VF, assim como a EDM, constrói sua posição sujeito, na descrição e nas postagens, de modo semelhante, filiando-se à posição liberal dentro da FD dos feminismos.

A posição liberal das páginas EDM e VF é elaborada no entremeio entre os sentidos de individualidade (escolha) e do empoderamento, na produção de sentidos de apoio e de solidariedade que o movimento feminista propiciaria. Esses sentidos são postos de modo amplo e sem a delimitação de outras questões como classe e raça. Esse apagamento de categorias não implica a exclusão delas no interior das discussões propostas pelas páginas, tendo em vista que a filiação ao feminismo liberal autoriza essas páginas a mobilizar as temáticas de classe e raça em suas publicações apenas quando for conveniente, sem causar prejuízos para compreensão da sua posição.

Considerações Finais

Em nossa análise, pudemos identificar algumas características que marcam o movimento de filiação ideológica pelas páginas pesquisadas. Percebemos que todas as páginas se inscrevem no lugar discursivo feminista, contudo, as posições que assumem a partir desse lugar se distinguem e divergem em vários pontos.

Nossa análise delimitou três efeitos que demarcam a ocupação do lugar dos feminismos entre as cinco páginas que compõem nosso corpus: o *interseccional*, o *marxista* e o *liberal*. Entendemos esses efeitos como os diferentes modos como as páginas sustentam, nas suas postagens, a produção de sentidos sobre as mulheres, tendo em vista as filiações ideológicas que assumem em seus perfis.

O efeito de interseccionalidade, percebido nas páginas *TF* e *NMK*, se caracteriza pela retomada dos sentidos de classe e raça como modo de inscrição no lugar discursivo feminista. Esse efeito é produzido pelo modo como as páginas se autodeclaram e pelo modo como mobilizam os sentidos de raça e classe nas publicações. Percebemos que na abordagem da temática sobre o corpo os sentidos da interseccionalidade nem sempre são evidenciados e a regularidade do funcionamento discursivo está no encobrimento, em momentos específicos, das questões de raça e classe nessas postagens.

No efeito marxista, observado na *FSD*, os sentidos de classe e gênero são mobilizados como fundamentais para a luta antipatriarcal feminista. A ruptura do sistema social que sustenta a FI patriarcal é tomada como proposição capaz de romper com a opressão das mulheres na sociedade, que é estruturada pelas desigualdades de gênero. A posição feminista marxista da página se constitui a partir da formulação de uma imagem do que seria a mulher e sua desconstrução na busca por diversas imagens de mulheres para uma sociedade igualitária entre os gêneros. A produção de sentidos acerca do marxismo na posição feminista da *FSD* não atravessa todas as postagens sobre o corpo e não se mostra como fio condutor da crítica ao padrão de beleza dominante e da defesa da legalização do aborto.

Já pelo efeito liberal, as páginas *EDM* e *VF* mobilizam os sentidos da individualidade, do empoderamento e da solidariedade entre mulheres para constituir suas posições feministas. A imagem produzida para o sujeito mulheres nessa posição se constitui pela forma como elas se relacionam na sociedade, ou seja, pelo ideal de sororidade e apoio mútuo, e pela liberdade de escolha dessas mulheres enquanto seres de liberdade e autonomia. Nas páginas *EDM* e *VF*, a filiação ao feminismo liberal, declarada nas suas autodescrições, é reiterada nas postagens sobre o corpo, reproduzindo, assim, os efeitos e trajetórias da memória do liberalismo dentro do feminismo.

O lugar discursivo dos feminismos nas redes sociais se configura pela heterogeneidade de discursos que atravessam os dizeres feministas e pelas possibilidades diversas de se posicionar diante das questões de/sobre mulheres. Como pudemos ver em nossa análise, as páginas se colocam em posições sujeito distintas ao demarcarem sua filiação ao movimento feminista atual, mas, ao formularem seus gestos de interpretação sobre o corpo do sujeito mulheres, apagam ou silenciam saberes importantes que constituem essas posições declaradas em suas autodescrições. Podemos, então, dizer que a heterogeneidade discursiva dos feminismos não se consolida nas posições assumidas nas postagens das páginas analisadas em

duas posições, a interseccional e a marxista, e que apenas a posição liberal constrói seu lugar discursivo dos feminismos consoante ao que expõe em sua autodescrição.

CRediT
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Fapesq – PB
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: Conceitualização, Investigação, Metodologia, Visualização, Escrita – rascunho original, Escrita – revisão e edição: SAMPAIO, A. S. da C. Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do Projeto, Escrita – rascunho original, Escrita – revisão e edição. FARIAS, W. S. de.

Referências

- AKOTIRENE, C. *O que é interseccionalidade*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ARAÚJO, J. G. Feminismo digital em Blogueiras Feministas (2010-2015). *Dissertação* (Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- BERTH, J. *O que é empoderamento*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade: a era da informação*, 9ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- COSTA, C. Rede. *Explosão feminista – arte, cultura, política e universidade*, 2018.
- CYFER, I. Liberalismo e feminismo: igualdade de gênero em Carole Pateman e Martha Nussbaum. *Revista de Sociologia e Política*, v. 18, n. 36, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/rWv78Q85myrS3pv4FKXvYsC/>. Acesso em: 04 de maio de 2019.
- FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- FRIEDAN, B. *A mística feminina*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1971.
- GARCIA, C. C. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.
- GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A e. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. *Conexão Letras*, v. 9, n. 11, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaolettras/article/view/55143>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2018

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: INDURSKY, F. FERREIRA, M. C. L. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S. GRIGOLETTO, E. CAZARIN, E. (ORG.) *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

INDURSKY, F. Formação Discursiva: esta noção ainda merece que lutemos por ela? In: INDURSKY, F. FERREIRA, M. C. L. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Clara Luz, 2007.

MIGUEL, L. F. Teoria política feminista e liberalismo: o caso das cotas de representação. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 44, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/vDKFNS5yzCMK54mWRN6vSDB/>. Acesso em: 15 fevereiro 2018

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5ed. Campinas: Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD 69). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5ed. Campinas: Unicamp, 2014.

SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes*. 3ed. São Paulo: Expressão popular, 2013.

SOUZA, G. Qual a rede social mais usada em 2023? A resposta vai te surpreender. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/07/qual-a-rede-social-mais-usada-em-2023-a-resposta-vai-te-surpreender-edapps.ghtml>. Acesso em: 02 de junho de 2023.